

A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Coordenador: AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

Autor: LAURA LICHTENSTEIN CORSO

Na virada do século XIX para o XX, a linguagem impõe-se como um problema crucial para os sistemas de pensamento do Ocidente. Ainda que esse processo remonte ao filólogo Nietzsche, é sobretudo em torno das obras freudianas sobre as formações do inconsciente que essa mutação cultural irradia-se. No início do século XX, o formalismo, precursor do estruturalismo, constitui o solo epistemológico onde florescem as abordagens semióticas e linguísticas que, nas décadas de 1950 e 1960, revolucionam as Ciências Humanas. A partir desse momento, a tudo interrogamos como signo. Não é diferente com o cinema. Imagem em movimento é discurso? Qual o estatuto dessa linguagem? Que métodos de análise lhe concernem? Com que grau de rigor pode-se delimitar os distintos códigos, a que denominamos gêneros? E como focar os filmes que transgridem os cânones? Essas, dentre outras, são as questões que instigaram a proposição desta Atividade de Extensão. A fim de viabilizá-la, estruturou-se um projeto de encontros semanais, no qual em cada sessão apresenta-se um filme e, ato contínuo, o mesmo é debatido por todos os participantes. Considerando a grande diversidade do público participante, composto por estudantes de psicologia, das artes e das ciências humanas, assim como de profissionais de diferentes áreas de atuação, os debates têm sido extremamente ricos. Abaixo, relaciono a seleção de filmes que compõe a atividade: Cinema de atrações: Uma sessão Méliès, de Georges Méliès (1902). Os primórdios do cinema narrativo: Lírio partido, de D. W. Griffith (1919). Expressionismo alemão: O gabinete do Dr. Caligari, de Robert Wiene (1920). Impressionismo francês: A queda da casa de Usher, de Jean Epstein (1928). Montagem soviética: Outubro, de Sergei Eisenstein (1927). Surrealismo: Um cão andaluz e A idade do ouro, de Luis Buñuel (1928/1930). Western: No tempo das diligências, de John Ford (1939). Film noir: Gilda, de Charles Vidor (1946). Neo-realismo italiano: Roma, cidade aberta, de Roberto Rossellini (1945). Nouvelle vague: Acochado, de Jean-Luc Godard (1959). Cinema novo brasileiro: Deus e o diabo na terra do sol, de Glauber Rocha (1964). Cinema novo alemão: Aguirre: a cólera dos deuses, de Werner Herzog (1973). American art film: Bonnie e Clyde, de Arthur Penn (1967). Blockbusters: Tubarão, de Steven Spielberg (1975). Cinema pós-moderno: Blade runner: o caçador de andróides, de Ridley Scott (1982). Cinema queer: Madame Satã, de Karim Aïnouz (2002). Cinema periférico: Antes da chuva, de Milcho

Manchevski (1994). Cinema digital: Waking life, de Richard Linklater (2001).